

APESAR DAS PREOCUPAÇÕES COM A PIORA RECENTE DO CENÁRIO EXTERNO APÓS O AUMENTO DA TENSÃO GEOPOLÍTICA COM A MOVIMENTAÇÃO AMERICANA EM RELAÇÃO À SÍRIA E CORÉIA DO NORTE, O MERCADO DIRECIONOU SUAS ATENÇÕES AOS DESDOBRAMENTOS DA OPERAÇÃO LAVA-JATO ENVOLVENDO PERSONAGENS IMPORTANTES DO EXECUTIVO E LEGISLATIVO NOS ÚLTIMOS DIAS.

O QUADRO POLÍTICO INSTÁVEL PROVOCOU AJUSTES NO RITMO E NO ALCANCE DA REFORMA DA PREVIDÊNCIA EM NEGOCIAÇÃO NO CONGRESSO E DIVIDIU O FOCO COM A DECISÃO DO COPOM DE REDUZIR A META DA TAXA SELIC EM 100 PONTOS-BASE, AGORA EM 11,25% AO ANO. UMA QUEDA MAIOR DA TAXA PARA AS PRÓXIMAS REUNIÕES JÁ É PREVISTA PELO COMITÊ MACROECONÔMICO DA ANBIMA DIANTE DA RECUPERAÇÃO LENTA DA ECONOMIA E DA DINÂMICA FAVORÁVEL DA INFLAÇÃO EM 2017.

NESSE CENÁRIO, A RENTABILIDADE DOS TÍTULOS DE MAIOR DURATION, EM ESPECIAL A CAPTURADA PELO IMA-B 5+, SITUOU-SE ABAIXO DOS DEMAIS SUBÍNDICES NO PERÍODO. JÁ A INDÚSTRIA DE FUNDOS REGISTROU CAPTAÇÃO RECORDE PARA O MÊS DE MARÇO, PUXADA PELA CLASSE RENDA FIXA. NO MERCADO DE CAPITAIS, O TRIMESTRE ENCERROU COM ALTA DE 139% NO VOLUME CAPTADO EM RELAÇÃO AO MESMO PERÍODO DE 2016.

RENDA FIXA

Títulos de maior duration registram menor retorno »

As incertezas no campo político, sobretudo as relacionadas à sustentação política do Governo para aprovação da Reforma Previdenciária, vêm afetando a valorização dos títulos de prazos mais longos.

MERCADO DE CAPITAIS

Ofertas de cias brasileiras se recuperam no 1º trimestre »

As captações tiveram o melhor resultado para o 1º trimestre desde 2014, puxadas pelas ofertas externas, que chegam a US\$ 10 bilhões, e pelas emissões de ações, que, com a operação da Azul, já somam R\$ 10 bilhões.

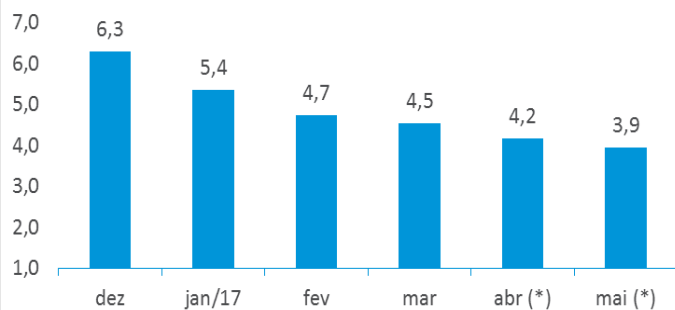
FUNDOS DE INVESTIMENTO

Incerteza reduz ganhos na indústria de fundos em março »

Após os fundos de investimento acumularem rentabilidades elevadas nos primeiros dois meses do ano, estimuladas pela redução dos juros, o aumento da incerteza política em março acabou freando esse movimento.

IPCA projetado mantém queda da inflação

IPCA acumulado em 12 meses (%)



Fontes: IBGE e ANBIMA

*Projeções ANBIMA em 07/4/17

Títulos de maior duration registram menor retorno

• Marcelo Cidade

► Comitê Macro projeta IPCA acumulado em 12 meses de 4,2% para abril e de 3,9% para maio

► Expectativa de redução da Taxa Selic manteve retornos positivos dos índices de renda fixa em março

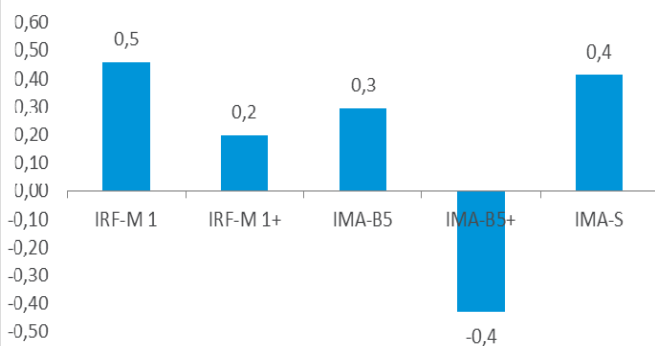
► NTN-Bs acima de cinco anos, expressas pelo IMA-B5+, registram retorno mensal negativo de 0,43% até o dia 13/04

A expectativa de redução da taxa Selic em um ponto percentual – confirmada na reunião do Copom de 12 de abril – manteve os retornos positivos nos títulos do segmento. O IMA-Geral, que expressa a trajetória da carteira de títulos públicos marcada a mercado, apresentou performance de 1,50% em março e de 0,15% em abril (até o dia 13), respectivamente. Entretanto, as incertezas no campo político, sobretudo as relacionadas à sustentação política do Governo para a aprovação da Reforma Previdenciária, vêm afetando a valorização dos títulos de prazos mais longos.

Já em março, o retorno positivo do IMA-B5+ (0,88%), referente às NTN-Bs acima de cinco anos, papéis de maior duration em mercado e por isso mais sensíveis às variações na taxa de juros, mostrou-se inferior ao do IMA-B5 (NTN-B até cinco anos), de 1,39%. Ainda assim, o IMA-B5+ acumulou neste primeiro trimestre o maior retorno entre os índices de renda fixa, com variação de 8,35%. Em abril, o processo de desvalorização acentuou-se com o IMA-B5+ registrando perda de 0,43% até o dia 13 e o IMA-B5 variando 0,30%. No mesmo período, o IRF-M1+, carteira de títulos prefixados acima de um ano, rendeu 0,20%, enquanto os de prazo mais curto,

IMA-B5+ registra retorno negativo até 13/4

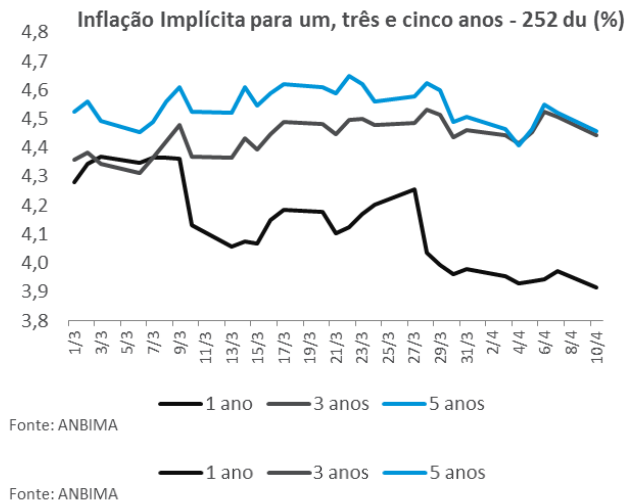
Rentabilidade dos IMAs em abril (até o dia 13/4) -%



Fonte: ANBIMA

O resultado do IPCA de 0,25% em março reforçou a expectativa entre os agentes econômicos de que a inflação deverá manter a convergência para patamares abaixo do centro da meta prevista para este ano (4,5%). As projeções mensais do Comitê de Acompanhamento Macroeconômico da ANBIMA indicam para abril um IPCA acumulado em 12 meses de 4,2%. Para maio, a estimativa é de uma variação de 3,9%, o primeiro indicador apurado abaixo do patamar de 4,0%.

Inflação implícita de um ano acentua queda em março

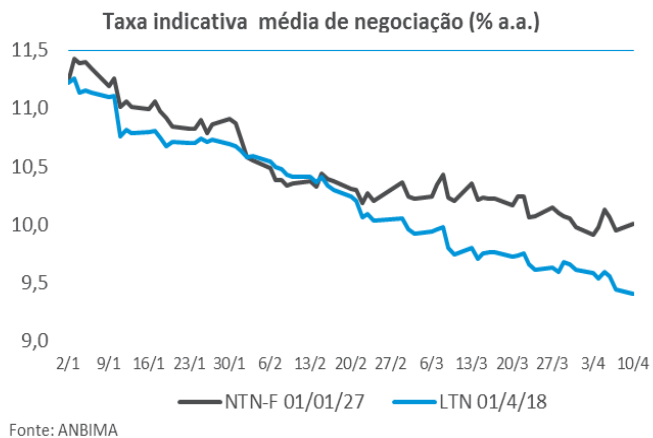


até um ano, refletidos na trajetória do IRF-M1, apresentaram melhor performance, com retorno de 0,46%.

A redução expressiva da inflação implícita (expectativa + o risco de errar a projeção da inflação), que compõe a remuneração dos títulos prefixados, tem causado um descolamento expressivo da curva de curto prazo em relação às demais. A inflação implícita para o prazo de um ano tem acentuado sua trajetória de queda, refletindo a melhora do balanço de riscos inflacionários dos últimos meses, e atingiu em 10/4 a mínima de 3,9147%, a menor da série histórica para esse prazo.

Por outro lado, os vértices de prazos mais longos, de três e cinco anos, apresentaram trajetória ascendente da inflação implícita ao longo de março, com leve redução no final daquele mês. Esse comportamento é replicado na evolução das taxas indicativas de negociação entre maturidades prefixadas de prazos diferentes e pode refletir a percepção de piora do ambiente político. O ritmo de redução da taxa da NTN-F 1/1/27 se reverteu no final de fevereiro, acentuando a diferença em relação à taxa da LTN 1/4/18 que continuou se ajustando às expectativas de uma menor Taxa Selic para o curto e médio prazo.

LTN abril/18 reflete queda da inflação corrente



▶ **Inflação implícita dos prefixados registra 3,91% em 10/4**

▶ **Previdência detinha 26,1% da dívida pública em fevereiro**

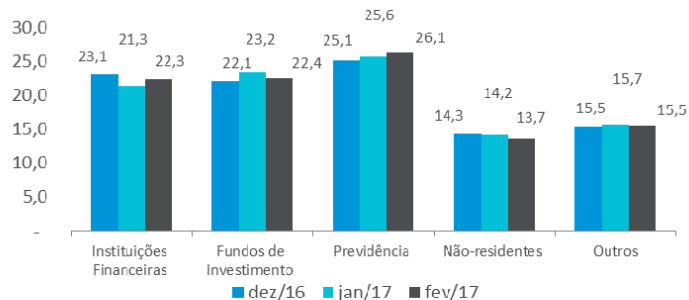
▶ **Não Residentes representam parcela de 13,7% da dívida pública mobiliária**

Em relação à alocação da dívida pública junto ao mercado, a carteira de títulos públicos das entidades previdenciárias (em aplicações diretas ou por meio de fundos de investimentos) respondeu por 26,1% do total em fevereiro, consolidando esses investidores como os maiores detentores de papéis públicos. Os Fundos de Investimentos e as Tesourarias detiveram parcelas de 22,4% e 22,3%, respectivamente. Os investidores não residentes representaram 13,7% da dívida, percentual equivalente a sua participação relativa em dezembro/12, indicando a redução relevante destes agentes no mercado de títulos públicos, depois de terem respondido por 21% em maio/15.

Em fevereiro, a composição da carteira de títulos públicos do segmento de Previdência mostra a participação predominante das NTN-Bs (48% do total), - ativos com *duration* mais compatível com a dos passivos atuariais dessas entidades - ,

Previdência aumenta sua participação na dívida pública

Detentores da Dívida Mobiliária Federal (part. %)



Outros: Inclui títulos na carteira do Governo, Seguradoras, Corretora e DTVM

Fonte: Tesouro Nacional

seguidas das LFTs, títulos com duration de um dia, que respondem por 23% do total.

No mercado de títulos privados, chama atenção a redução do estoque dos principais ativos domésticos no primeiro trimestre do ano. Nesse período, o estoque total de debêntures (incluindo as emissões de leasing) registrou queda de R\$ 788 bilhões em dezembro de 2016 para R\$ 771 bilhões. Entre os títulos de emissão bancária, houve redução nos estoques de LCIs, LCAs e nas Letras Financeiras. A única exceção foram os CDBs, que apresentaram crescimento de 5,0% no estoque. Dentre as causas para a redução do estoque desses títulos estariam a menor oferta de lastro para novas emissões de LCIs e LCAs e a percepção de um risco de crédito ainda relevante (em um contexto de incerteza política e econômica), que compromete a disposição dos investidores em alocar recursos em títulos de emissão privada de médio e longo prazos.

Por fim, mesmo com o cenário de inflação e juros relativamente definidos no curto prazo, as incertezas do ambiente político e suas consequências para a economia podem elevar o prêmio de risco para os ativos, sobretudo os de maior duration.

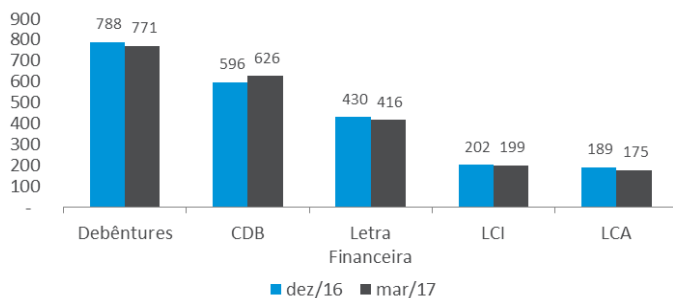
▶ LFTs representam 23% dos títulos públicos das entidades de previdência

▶ Estoques de títulos privados registram queda no primeiro trimestre

▶ CDBs têm aumento de 5% no estoque entre janeiro e março

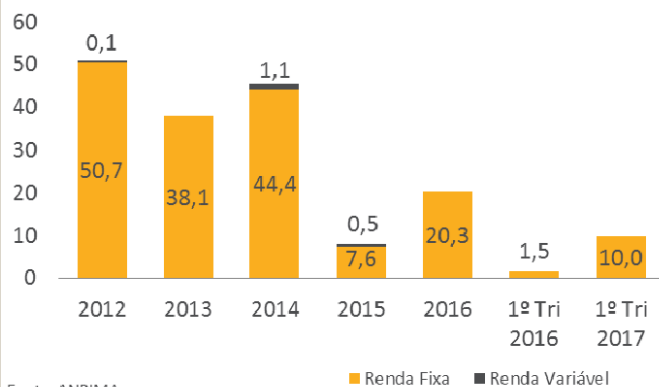
Somente o estoque de CDBs aumenta no trimestre

Estoque de títulos privados (R\$ bilhões)



Captações externas seguem aquecidas em 2017

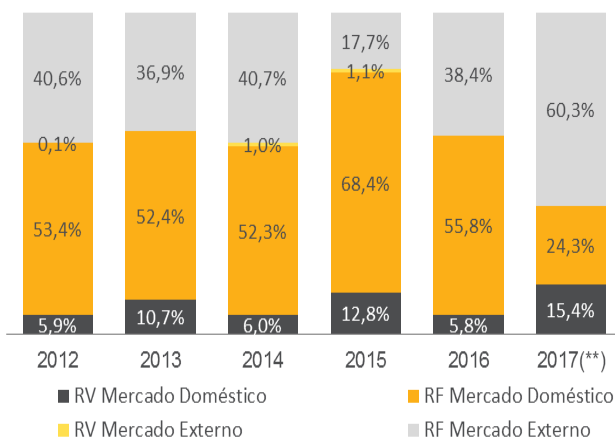
Ofertas Internacionais - 2012 a 2017 (US\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA.

Ofertas internacionais são 60,3% do funding de 2017

Perfil de captação das empresas brasileiras* (%)



Fonte: ANBIMA. Obs: (*)Calculado com o dólar médio de cada período. (**)Até março.

Ofertas de cias brasileiras se recuperam no 1º trimestre

• Vivian Corradin

► Captações com *bonds* no mercado externo chegam a US\$ 10 bilhões nos três primeiros meses de 2017

► Em março foram realizadas quatro ofertas internacionais que movimentaram US\$ 2,25 bilhões

► No ano, companhias de oito setores de atividade levantaram recursos no mercado externo, além da operação do Tesouro

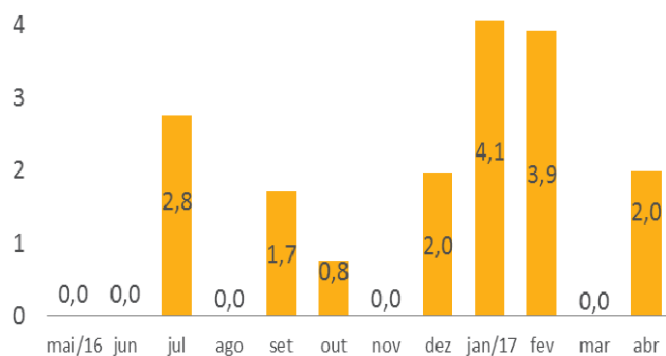
As captações das companhias brasileiras tiveram uma alta acentuada no primeiro trimestre de 2017 em comparação ao mesmo período do ano anterior. As operações foram lideradas pelas ofertas de títulos de dívida no mercado internacional, que totalizaram US\$ 9,95 bilhões, o que fez com que essa modalidade de captação respondesse por 60,3% de todos os recursos levantados pelas companhias brasileiras até agora. Esse perfil é muito diferente do observado em 2016. Até março do ano passado, as operações no mercado internacional haviam somado apenas US\$ 1,5 bilhão, como reflexo do cenário doméstico adverso, da ausência de

alguns emissores frequentes do mercado externo, como a Petrobras, e do impacto dessa conjuntura sobre o risco país, que naquele momento apresentava-se em patamar quase duas vezes superior ao registrado no final do 1º trimestre de 2017.

Apenas no mês de março, as captações externas chegaram a US\$ 2,25 bilhões. Além das ofertas mencionadas na edição anterior do Panorama ANBIMA, a Globo Comunicação e Participações captou US\$ 200 milhões no último dia do mês, em uma operação com prazo de dez anos. Com isso, o número dos setores de atividade que já realizaram operações externas em 2017 se ampliou para oito, além da captação com títulos soberanos realizada pelo Tesouro. Em termos do volume de recursos, a liderança das operações continua sendo do setor de Petróleo e Gás, que responde por 40,2% das captações externas. Em seguida, aparecem os setores de Metalurgia e Siderurgia, Papel e Celulose, além da República, todos com participação de 10,1% do total. Com pesos também relevantes se destacam ainda os setores de Alimentos e Bebidas, Aviação e Aeronáutica, e Transporte e Logística, com participações de 7,5% sobre o volume.

Crescem operações com ações em 2017

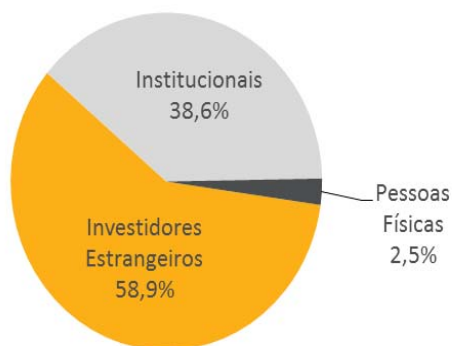
Captações Mensais no Segmento de Renda Variável (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA.

Investidores estrangeiros lideram compra de ações

Subscritores das ofertas de ações em 2017 (% do volume)



Fonte: ANBIMA. (*) Até fevereiro.

As captações no primeiro trimestre também sofreram influência positiva do avanço das ofertas de ações no mercado doméstico. Ainda que, em termos agregados, as captações no segmento de renda variável estejam na terceira colocação entre as fontes de recursos das companhias em 2017 – atrás das ofertas externas (60,3%) e das operações com títulos de renda fixa e de securitização (24,3%) – as emissões de ações tiveram alta relevante no primeiro trimestre, de 150,7%, em comparação ao mesmo período do ano passado. O movimento favorável se reforçou no início de abril, com o IPO da Azul que movimentou cerca de R\$ 2 bilhões, elevando para R\$ 10 bilhões o volume das operações com ações em 2017.

Nas ofertas realizadas até fevereiro, que incluem as captações da CCR, da Movida Participações, do Instituto Hermes Pardini e das Lojas Americanas, a participação mais relevante entre os subscritores foi a de investidores estrangeiros, que foram responsáveis pela aquisição de 58,9% das ofertas, seguidos dos investidores institucionais (38,6%) e das pessoas físicas que tiveram participação de apenas 2,5%. Contudo, na direção contrária, em março, mesmo com a ausência de ofertas de ações no mercado primário, o saldo das operações dos investidores estrangeiros no

► **Ofertas de ações seguem aquecidas em 2017**

► **IPO da Azul movimenta R\$ 2 bilhões em abril**

► **Volume no segmento de renda variável já chega a R\$ 10 bilhões em 2017**

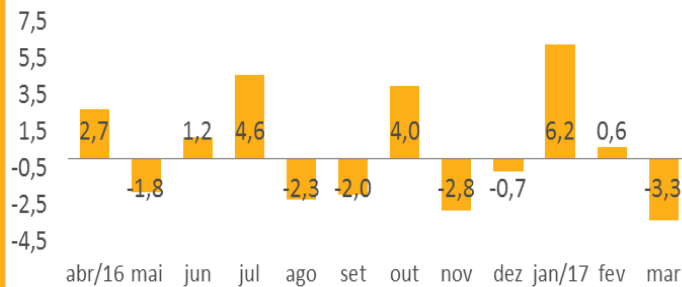
mercado secundário registrou o pior resultado dos últimos doze meses, com um balanço negativo entre compras e vendas de R\$ 3,3 bilhões.

As operações com títulos de dívida e instrumentos de securitização, ofertadas no mercado doméstico, responderam pela segunda maior fatia das operações das companhias brasileiras no trimestre. O montante das ofertas chegou a R\$ 12,6 bilhões e, embora relevante, registrou uma pequena retração, de 4,2%, em comparação ao mesmo período de 2016.

Entre os instrumentos, as debêntures permanecem como os títulos mais utilizados, com participação de 63,3% no segmento, mas, ainda assim, o volume captado no primeiro trimestre do ano teve queda de 4,9% em comparação ao mesmo período em 2016. Pior desempenho foi o registrado pelos CRIs, que, na mesma base de comparação, tiveram retração de 61,5% no volume ofertado. Já os FIDCs, notas promissórias e CRAs apresentaram

Mês tem saída de estrangeiros no secundário

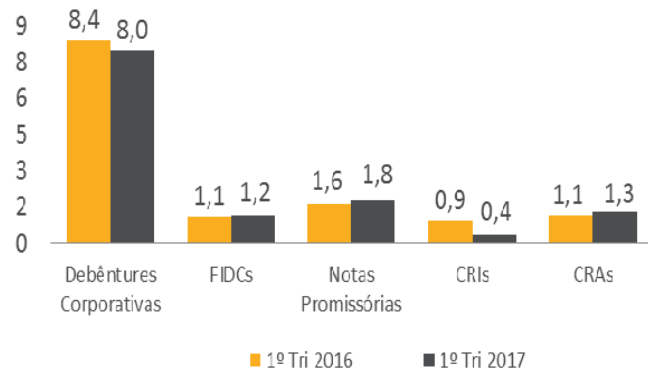
Saldo Líquido de Estrangeiros na Bolsa (R\$ bi)



Fonte: BM&FBOVESPA.

FIDCs, Notas e CRAs crescem no 1º trimestre

Títulos de RF e Securitização Locais 2017 x 2016 (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA.

comportamento inverso, com crescimento no trimestre de 7,2%, 9,4% e 16,9%, respectivamente.

As ofertas do segmento de renda fixa e de securitização continuam concentradas na modalidade de distribuição com esforços restritos (ICVM 476), que respondeu por 80,5% do volume distribuído, seguidas das ofertas registradas (18,6%) e das dispensadas de registro, com apenas 0,9% do total, sendo estas últimas exclusivamente de FIDCs.

No âmbito regulatório, as novidades do período foram o lançamento, no final de março, da Instrução CVM 584, que trata do programa de distribuição de valores mobiliários, alterando as Instruções 400 e 480; e, no início de abril, a publicação da Instrução CVM 585, que aprimora regras aplicáveis aos emissores estrangeiros no âmbito de programa de BDR – Brazilian Depositary Receipt, permitindo, inclusive, a distribuição de BDRs Nível I e II com esforços restritos (ICVM 476).

No que diz respeito ao programa de distribuição, as alterações são o resultado do esforço do órgão regulador em facilitar o acesso ao mercado de capitais por parte dos emissores considerados frequentes. O programa passou a incorporar a distribuição de debêntures simples e notas promissórias e pode ser utilizado por

► **Ofertas de renda fixa seguem concentradas na ICVM 476**

► **CVM moderniza Programa de Distribuição para debêntures e notas**

► **Autarquia permite distribuição de BDRs Nível I e II por esforços restritos**

companhias abertas que tenham realizado ofertas públicas ‘registradas’ desses instrumentos no valor mínimo de R\$ 500 milhões nos últimos quatro anos, ou cujo valor de mercado das ações em circulação seja igual ou superior a R\$ 2 bilhões. Além disso, as companhias devem ter registro de emissor de valores mobiliários há mais de dois anos e estar em fase operacional, assim como terem cumprido, no último ano, os prazos de entrega do formulário de referência e demonstrações financeiras anuais e trimestrais. Entre os benefícios, o programa prevê o registro automático para ofertas, a divulgação a qualquer tempo do suplemento preliminar, e o uso de material publicitário sem a necessidade de análise prévia pela Autarquia.

Em um contexto de trajetória de queda das taxas de juros e de medidas que buscam estimular a atividade econômica, esse mecanismo é mais um incentivo à utilização de instrumentos de dívida do mercado de capitais por parte das companhias brasileiras.

Ações Small Caps são destaque no 1º Trimestre

Rentabilidades (%) - Fundos e Indicadores Selecionados

Tipo	Março	Ano	12m
Renda Fixa Duração Baixa Grau de Inv.	1.07	3.09	14.00
Renda Fixa Duração Média Grau de Inv.	1.09	3.18	14.11
Renda Fixa Duração Alta Grau de Inv.	0.81	3.46	13.51
Renda Fixa Duração Alta Soberano	1.06	5.48	18.32
Multimercados Macro	1.27	5.88	23.09
Multimercados Long Short Direcional	0.29	4.79	21.13
Ações Livre	-1.01	8.92	28.40
Ações Small Caps	-1.44	13.65	31.27
Cambial	0.98	-3.03	-10.55
IMA-GERAL	1.22	5.37	18.80
IRF-M	1.50	5.91	21.00
IMA-B	1.04	6.89	21.60
IHFA	1.13	4.70	19.10
Ibovespa	-2.52	7.90	29.80
Dólar	2.23	-2.78	-11.00

Fontes: ANBIMA, BM&FBovespa e Banco Central

Incerteza reduz ganhos na indústria de fundos em março

• Antônio Filgueira

▶ **Aumento da incerteza acabou freando a valorização dos ativos observada no início do ano**

▶ **A valorização dos Fundos de renda fixa de baixa duração em março, no entanto, foi superior a de fevereiro**

▶ **Mesmo tendo recuado no mês, fundos de Ações ainda acumulam as maiores rentabilidades da indústria em 2017**

Apesar dos efeitos positivos do recuo da queda dos juros sobre a valorização dos ativos de longo prazo e maior risco nos últimos meses, o aumento da incerteza política em março acabou, de certa forma, freando esse movimento. Assim, no mercado de renda fixa, a menor valorização dos títulos públicos de prazo mais longo (o IMA-B 5+ teve alta de 0,88% em março, contra 5,06% em fevereiro), acabou resultando em rentabilidades menores para as carteiras de maior duration, como as dos fundos de Renda

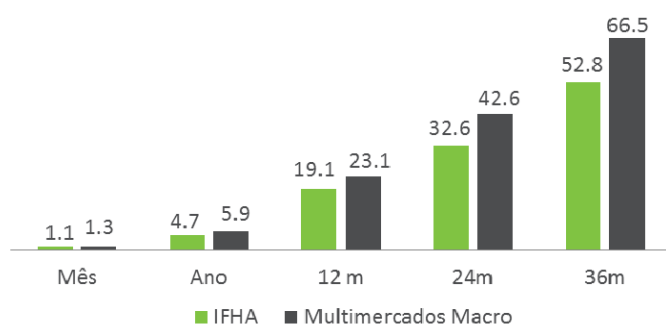
Fixa Duração Alta Soberano, que avançou 1,06%, contra 2,65% em fevereiro.

Por sua vez, o desempenho das carteiras de curtíssimo prazo, predominantemente remuneradas a taxas flutuantes, refletiram o efeito do calendário, uma vez que março teve um número maior de dias úteis em relação a fevereiro (23 contra 18). É o caso dos fundos de Renda Fixa Duração Baixa Grau de Investimento, por exemplo, que valorizaram 1,07% em março, contra 0,89% em fevereiro, em comportamento análogo ao do IMA-S, que valorizou 1,06% e 0,87%, respectivamente. Contudo, mesmo diante do desempenho observado em março, as carteiras de alta duração seguem apresentando as maiores rentabilidades acumuladas no ano entre os fundos de Renda Fixa.

Já no mercado de renda variável, os efeitos do aumento da incerteza foram ainda mais significativos - após valorizar 7,38% em janeiro e 3,08% em fevereiro, o Ibovespa recuou 2,52% em março. Diante disso, com exceção do tipo Investimento no Exterior, cuja alta foi de 0,27%, todos os tipos da classe Ações apresentaram retornos negativos no mês. Mesmo assim, em função do bom desempenho apresentado no primeiro bimestre, os fundos de Ações ainda acumulam as maiores rentabilidades no ano, entre as quais se destacam a do

Fundos Macro mostram retornos consistentes

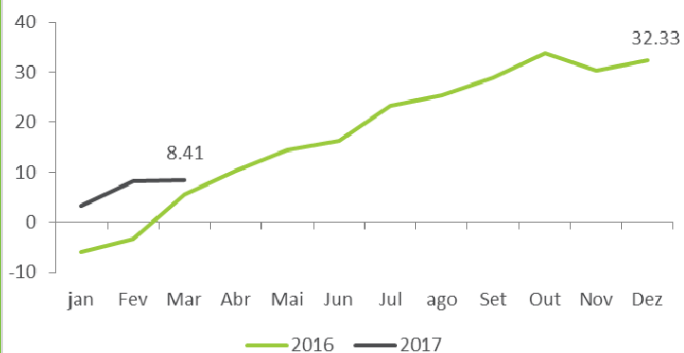
Multimercados Marco e IHFA - retornos acumulados (%)



Fonte: ANBIMA

Fundos Imobiliários mantêm bom desempenho no ano

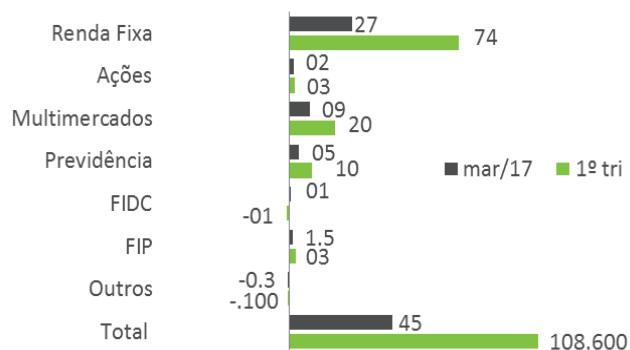
Índice de Fundos de Investimento Imobiliário - Var. acum. ano (%)



Fonte: BMF&Bovespa

Indústria registra captação recorde no 1º Trimestre

Captação Líquida por classe em março e no 1º tri (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA

tipo Small Caps (13,65%), Dividendos (9,49%), bem como as dos fundos Livre e Índice Ativo, ambos com gestão ativa e retornos acumulados de 8,92%, todas acima da variação do Ibovespa no primeiro trimestre, que foi de 7,90%.

Os fundos Multimercados não ficaram imunes a esse cenário e apresentaram, no mês, rentabilidades inferiores às observadas em janeiro e fevereiro. No entanto, mesmo diante dos baixos retornos nos mercados de renda fixa e de renda variável, o tipo Macro, que realiza operações em diversas classes de ativos com base em cenários macroeconômicos de médio e longo prazos, acabou registrando a maior rentabilidade da indústria no mês entre os fundos com PL relevante (1,27%), acumulando retorno de 5,88% no ano. Vale notar que esses fundos vêm apresentando desempenho consistente em cenários econômicos distintos, tendo superado, inclusive, a variação do IHFA - Índice de Hedge Funds ANBIMA, em diferentes janelas de tempo.

Seguindo o comportamento dos demais ativos, o Índice de Fundos de Investimentos Imobiliários (IFIX), que mede o desempenho médio das cotações desses fundos negociados na Bolsa, também avançou mais lentamente em março (0,19%) em relação aos meses anteriores,

► **Multimercados Macro registram maior rentabilidade da indústria no mês**

► **Rentabilidade dos Fundos Imobiliários avança mais lentamente em março**

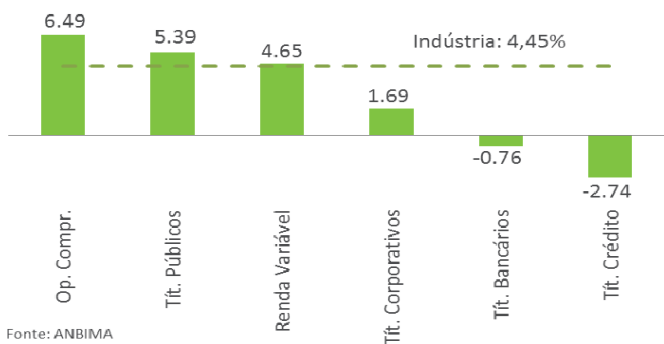
► **Indústria registra captação líquida recorde no mês e no trimestre**

acumulando 8,41% no ano. Ainda que novos cortes já esperados da Taxa Selic possam contribuir para o bom desempenho desses fundos em 2017, ganhos adicionais deverão depender, também, da recuperação de preços no mercado imobiliário.

Quanto ao fluxo de recursos, seguindo tendência observada nos últimos meses, a indústria de fundos voltou a registrar novos recordes de captação. Com ingresso líquido de R\$ 45 bilhões em março, o maior volume mensal em valores constantes desde o início da série, em 2002, a indústria fechou o primeiro trimestre com captação recorde, de R\$ 108,6 bilhões, somando um volume também inédito de R\$ 196,1 bilhões em 12 meses. Diante desse ingresso recorde de recursos, o Patrimônio Líquido da indústria alcançou

Compromissadas lideram crescimento entre os ativos

Varição do volume dos ativos na carteira dos fundos no 1º Bim. (%)



R\$ 3,7 trilhões, com crescimento de 6,79% no ano e de 20,23% em 12 meses.

Esse movimento foi concentrado na classe Renda Fixa, que registrou captação líquida de R\$ 27,4 bilhões em março, seguida pelas classes Multimercados (R\$ 9 bilhões) e Previdência (R\$ 4,5 bilhões). Esse mesmo padrão foi observado nos resultados relativos ao primeiro trimestre, com as classes Renda Fixa, Multimercados e Previdência liderando a captação líquida, com R\$ 74,2 bilhões, R\$ 20,2 bilhões e R\$ 10 bilhões, respectivamente.

Vale registrar que, após terem registrado saída líquida de recursos em igual período do ano anterior, as classes Ações e Multimercados também apresentaram resultados positivos em 2017, o que parece indicar uma retomada gradual do apetite a risco por parte do investidor. Essa percepção é reforçada pelos dados que mostram um aumento da captação de recursos nessas classes de fundos até fevereiro por parte de investidores dos segmentos Private e Varejo.

Diante da significativa captação de recursos em fundos de Renda Fixa, os ativos de maior crescimento na carteira dos fundos no primeiro bimestre foram as Operações Compromissadas (6,49%) e os Títulos Públicos (5,39%) que, juntamente com os

► **Crescimento da captação líquida é concentrado em fundos de Renda Fixa**

► **Carteiras aumentam parcela de compromissadas e títulos públicos**

► **LFTs apresentam o maior crescimento na carteira de títulos públicos da indústria**

ativos de Renda Variável (4,65%), estimulados pela sua elevada valorização, superaram o crescimento do PL da indústria no primeiro bimestre (4,45%).

Dados relativos ao primeiro bimestre também mostram que a LFT foi o título público que apresentou o maior crescimento na carteira dos fundos (5,64%), refletindo um perfil ainda conservador na alocação de recursos. Todavia, o crescimento de 4,82% do volume de NTN-Bs no mesmo período parece refletir a busca por ganhos com o recuo da taxa de juros, em movimento que tende a ser ampliado nos próximos meses para outros ativos de risco privado.

Parcela de LFTs na carteira dos fundos segue crescendo

Títulos Públicos na carteira dos fundos de investimento (R\$ bi)

Título	fev/17	% total	dez/16	% total	Variação	% total
LFT	591.48	41.40%	559.91	40.96%	31.57	5.64%
LTN	228.27	15.98%	216.01	15.80%	12.26	2.19%
NTN-B	442.33	30.96%	415.32	30.38%	27.01	4.82%
NTN-C	58.76	4.11%	59.62	4.36%	-0.87	-0.15%
NTN-F	107.04	7.49%	116.11	8.49%	-9.07	-1.62%

Fonte: Banco Central

PANORAMA ANBIMA

O Panorama ANBIMA busca identificar e explicar os principais movimentos dos mercados de capitais, renda fixa e fundos de investimento no mês, a partir das informações estatísticas que a Associação reúne em sua base de dados, contextualizando-os no cenário macroeconômico doméstico e internacional.

REDAÇÃO

Antônio Filgueira, Dalton Boechat, Marcelo Cidade e Vivian Corradin
Gerência de Estudos Econômicos

DIAGRAMAÇÃO

José Carlos Oliveira
Comunicação Institucional

COORDENAÇÃO

Gerência de Estudos Econômicos

SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO E INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Ana Claudia Leoni

RIO DE JANEIRO: Avenida República do Chile, 230, 13º andar CEP 20031-170 + 21 3814 3800

SÃO PAULO: Av. das Nações Unidas, 8501, 21º andar, CEP 05425-070 + 11 3471 4200

PRESIDENTE: Robert van Dijk

VICE-PRESIDENTES: Carlos Ambrósio, Conrado Engel, Flavio Souza, José Olympio Pereira, Márcio Hamilton, Pedro Lorenzini, Sérgio Cutolo e Vinicius Albernaz

DIRETORES: Alenir Romanello, Carlos Salamonde, Celso Scaramuzza, Felipe Campos, Fernando Rabello, José Eduardo Laloni, Julio Capua, Luiz Chrysostomo, Luiz Fernando Figueiredo, Luiz Sorge, Richard Ziliotto, Saša Markus e Vital Menezes

COMITÊ EXECUTIVO: José Carlos Doherty, Ana Claudia Leoni, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Marcelo Billi, Soraya Alves e Eliana Marino

www.anbima.com.br